

REVISTA BIBLIOGRÁFICA

FRANZ WEIDENREICH — *The torus occipitalis and related structures and their transformations in the course of human evolution* — Repr. from «The Bulletin of the Geological Society of China», vol. XIX, 1940.

O A. estuda o *torus occipitalis* nos vários exemplares do *Sinanthropus pekinensis* e nos Antropóides, estabelece a comparação entre uns e outros, passa ao *Pithecanthropus erectus*, ao grupo de Neanderthal e ao homem do paleolítico superior, e por fim ocupa-se da transformação do *torus* no decurso da evolução humana e do significado dessa disposição anatómica, em geral mal estudada pelos antropologistas.

É crença vulgarizada que o *torus* nada mais é do que uma marca muscular, cujo desenvolvimento depende apenas do dos músculos cervicais. O A. entende que a influência da musculatura não abrange todo o *torus*. Weidenreich não aceita a teoria de Klaatsch de que o *torus* é uma expressão do desenvolvimento cerebral. Do seu estudo o A. depreende que o *torus* é um elemento intrínseco da região post-auricular do crânio que reforça como uma fronteira entre a base e a abóbada. Segundo Weidenreich, a crista sagital dos pre-hominídeos também não se relaciona com o músculo temporal, nem é equivalente à crista sagital dos Antropóides.

MENDES CORRÊA.

DR. ANTÓNIO PAÚL — *Morfologia da abóbada palatina no vivo* — Sep. «Clínica, Higiene e Hidrologia», IV, n.º 4, Abril. Lisboa, 1938.

Ainda no final do século passado, a questão das degenerescências, então palpitante e controversa, chamou as atenções sobre o fenómeno, aliás vulgar, da morfologia da face e da boca em particular e suas anomalias, nas quais se pretendia divisar certos caracteres que serviam sobretudo à fixação de caracteres degenerativos, independentes ou não de deformações de índole patológica. Entram neste grupo de estigmas os sinais colhidos sobre

a conformação do palatino, à qual os médicos e antropologistas e os criminalistas, à mistura, deram relêvo e importância, no sentido de determinar o grau de degenerescência, a que o ente humano poderia chegar.

A história do paladar *em ogiva* tornou-se patente, antes mesmo de os antropólogos, os morfologistas, os técnicos poderem precisar, verificando e comparando medidas, a exactidão e o significado das diferentes formas que acusa essa porção do organismo, tão impressionante, no conjunto evolutivo da feição humana e de cujas características se queria tirar expressão relacionada com o modo de ser físico e moral dos indivíduos examinados sobre este pormenor. Isto bem por influência da escola italiana e francesa, que trouxeram o alarme, a revolução, à psicologia, à ética, a criminologia, ciência nova. Verificamos *ab initio* da nossa prática de Antropometria as dificuldades técnicas de efectuar a apreciação dessas características, principalmente métricas, sobre a região e o conjunto palato-maxilar, que constituem uma parte considerável da face e para exame do qual são necessários, não só a técnica renovada e especial, como refere o autor da memória, mas o instrumental adequado.

Foi este trabalho apresentado, há tempo, à Soc. Port. de Antr. e Etnol. Trata-se de um estudo consciencioso, pormenorizado e de valor intrínseco, baseado sobre método e observações originais, sujeitos a uma crítica judiciosa. A contradição manifesta entre as medidas de Virchow, Bianchini e R. Martin, mostra bem as dificuldades da operação e das interpretações que se podem dar aos resultados. Por isso bem avisado andou o autor ao enfrentar estas dificuldades, opondo-lhes as modificações da sua aperfeiçoada técnica, para o êxito da qual foi até necessário empregar instrumental novo e apropriado. Na realidade, conforme descreve o dr. A. Paúl, a arquitectura da *rima palato-maxilar* pode sofrer da incidência de causas variadas. Se para Galippe, o *palatino ogival* constitui um estigma degenerativo, como para Kuleman e Mumery, para outros êle seria objecto de deformidade raquítica (Marfan e Lemaire); assim para Fournier é uma distrofia heredo-sifilítica. Outros o fazem depender da constituição geral do esqueleto facial. Impossível se torna, neste lugar, apreciar com minúcia a tese do autor e a judiciosa análise e comparação dos factos observados, sendo certo que nela se acham reunidas, em substancial monografia, as principais condições em que se pronunciam as malformações, de interêsse médico geral e de sentido antropológico especial, bem como interessantes também aos estomatologistas, que nesta circunstanciada memória muito teem digno da sua meditação. Assim as medidas executadas dão-lhe um cunho

de exactidão, como requiere a crítica antropológica, e a extensa bibliografia confere a base erudita e informadora que lhe fortalece a autoridade.

BETHENCOURT FERREIRA.

DR. ANTÓNIO PAÛL — *Un index morphologique de la voûte palatine* (Index de la hauteur palatine). in «Revista Portuguesa de Estomatologia», ano VI, n.ºs 20-21, 1940.

Sob este título foi apresentada pelo autor uma comunicação à assembléa ou Congresso de *Morfologia Médico-Cirúrgica* (14, VI, 39). Nesta tese o autor insiste, como no estudo geral anteriormente analizado, sobre a frequência da forma ogival da abóbada palatina e seus modos de apreciação, baseados principalmente na técnica métrica antropológica empregada e modificada pelo autor. Em presença do que foi dito sobre a memória exposta à Sociedade de Antropologia, anteriormente, é fácil reconhecer a importância e o valor desta comunicação e por isso nos reportamos a notar as suas conclusões, estabelecidas sobre as medidas efectuadas com precisão e perfeita técnica instrumental.

Uma circunstância é sobretudo digna de saliência neste estudo: o exame no vivo e a adaptação dessa técnica aos casos aproveitados, que completam o estudo feito no Instituto de Anatomia, do Pôrto, de que o autor é distinto Assistente.

Nas conclusões o autor estabelece dois factos averiguados importantes: — 1.º, que a largura máxima da abóbada palatina se encontra ao nível dos 3.ºs gr. molares, o que explica a forma parabolóide observada por Bianchini; 2.º, que a altura da abóbada palatina é máxima ao nível dos 1.ºs gr. molares. Êste é o facto anatómico que se nota com maior frequência e que a nossa observação pessoal confirma e certamente os odontólogos e estomatologistas registam também, *por dever de officio*.

Uma outra conclusão interessa a lei do dimorfismo sexual; isto é, que a altura e a largura da abóbada palatina são menores na mulher do que no homem. Entre os numerosos caracteres *dimórficos*, na nossa espécie, êste não estava, ao que nos consta, ainda registado e, sendo possível a precisão das medidas, êle revela, decerto, uma distinção valiosa no exame do esqueleto, o que tem importância antropológica e médico-legal.

B. F.

JOSÉ ANTUNES SERRA — Estudos sobre a pigmentação melânica —
 Separ. da «Revista da Faculdade de Ciências de Coimbra»,
 vol. VII. Coimbra, 1934.

Este importante trabalho que o autor apresentou como dissertação de doutoramento na Universidade de Coimbra, é um minucioso e cuidado estudo sobre os métodos de determinação da pigmentação, sobre o escurecimento com a idade e sobre a composição química das melaninas. Esse estudo incidiu sobre o coelho e o homem, tendo o A. procurado um auxílio indispensável do Laboratório Químico e não apenas do Laboratório Antropológico nas pesquisas que efectuou sobre a determinação da cor. Refere-se o A. às escalas cromáticas, ao pião colorimétrico dos americanos e aos métodos fotométricos e foto-tintométricos, especialmente ao pigmentómetro de Gray, modificação do tintómetro de Lovibond, que largamente utilizou, concluindo ser vantajoso o seu emprêgo em relação às actuais tabelas de pigmentação, embora não isento de imperfeições.

O escurecimento médio com a idade parece seguir as mesmas curvas do crescimento. A hipótese de Lenz, para explicação do escurecimento pelas hormonas, seria, segundo o A., apenas exacta em parte. O crescimento depende também de diversos genes, o mesmo sucedendo decerto com o escurecimento.

As correlações entre as cores da pele, do cabelo e dos olhos, diferem dum sexo para o outro.

O A. conclui o seu trabalho por um desenvolvido estudo sobre o problema da composição e variedade das melaninas nos pêlos de coelhos e nos cabelos do homem, fazendo numerosas análises cromatográficas. Com reservas, o A. admite que, no caso do homem, existam três melaninas diferentes: escura, ruiva e clara.

M. C.

EUGEN FISCHER — Die menschlichen Rassen als Gruppen mit gleichen Gen-Sätzen — Extr. de «Abhandlung der Preussischen Akademie der Wissenschaften». Berlin, 1940.

O ilustre professor berlinense e director do Instituto de Antropologia e Hereditariedade Humana da Sociedade do Imperador Guilherme, apresenta-nos nesta conferência realizada perante a Classe de Matemática e Ciências Naturais da Academia de Ciências da Prússia, o estado actual das investigações antropológicas sobre a hereditariedade de alguns caracteres merísticos e descri-

tivos que distinguem as diferentes raças humanas, mas muito especialmente sobre a hereditariedade da forma da cabeça.

Principia por dizer que toma como evidente a noção de genes, isto é, o facto assente de que as qualidades do corpo humano tanto somáticas como psíquicas, fisiológicas e patológicas, dependem de genes ou disposições hereditárias existentes nos cromosomas. Portanto o homem, como espécie, distingue-se, por exemplo, do chimpanzé pelo seu grupo de genes.

Em seguida mostra que a hereditariedade mendeliana dalguns caracteres humanos, como cor dos olhos, dos cabelos e da pele, forma do cabelo, do nariz e dos lábios, a estatura e outros, já está averiguada por vários investigadores e mesmo a do índice cefálico foi definitivamente estabelecida pelas observações de Rita Hanschild feitas em indivíduos resultantes de cruzamentos de chinezes e negros.

Baseado nas conclusões a que levam os estudos feitos sobre a hereditariedade, o A. é de opinião que as raças humanas resultaram de mutações que foram conservadas por cruzamentos entre indivíduos seus portadores.

Conclui por demonstrar que a fixação definitiva dos caracteres das raças humanas actuais, só pode ser feita depois do conhecimento profundo da maneira como esses caracteres são herdados.

ALFREDO ATAÍDE.

GOTTFRIED PESSLER — Untersuchung über den Einfluss der Grosstadt auf die Kopfform sowie Beiträge zur Anthropologie und Stammeskund Hannovers — Extr. de «Zeitschr. für Morphol. u. Anthropol.». Berlin, 1939.

Investiga o A. a influência da grande cidade sobre a forma da cabeça e ao mesmo tempo analisa a composição antropológica e genealógica da cidade do Hanover.

Para isso mediu 905 famílias das quais 514 habitavam na cidade e 391 o campo.

Comparando depois os resultados obtidos, estes fazem-lhe supor que na verdade a vida da cidade exerce alguma influência sobre a forma da cabeça, modificando-a no sentido da dolicocefalia.

Quanto à composição antropológica da população da cidade de Hanover verifica o A. que ela provém mais do Norte e Leste da Alemanha do que dos outros pontos, com predomínio da raça nórdica e da dálica.

A. A.

A. J. VAN BORK-FELTKAMP — *Anthropologische Bibliographie van den Indischen Archipel en van Nederlandschen West-Indie* — «Mededeelingen van de Afdeeling Wolkenkunde van het Koloniaal Metitunt», extra-série n.º 3. Leiden, 1940.

É um suplemento, ilustrado com 4 estampas e um mapa, à bibliografia publicada em 1923 pelo ilustre professor Kleiweg de Zwaan sobre a antropologia das Índias Neerlandesas. Nêle figuram, devidamente analisados, numerosos trabalhos novos. O mapa final indica as localizações de achados de esqueletos.

M. C.

K. E. SCHREINER — *Crania Norvegica* — I — «Instituttet for Sammenlignende Kulturforskning» — 1 vol. de 201 págs., 58 figs., no texto e 53 est., «hors texte». Oslo, 1939.

Sobre um amplo material de cerca de 1:500 crânios noruegueses, sobretudo do sul do país, da região de Oslo, o prof. Schreiner procedeu a um estudo minucioso que muito honra o autor e a Noruega.

Começa a valiosa monografia por um relato das investigações anteriores sobre a matéria. Em seguida dá os resultados das numerosas medições que efectuou e os índices que determinou. Passa ao estudo das diferenças sexuais, da variabilidade e das correlações, e à determinação dos tipos que em número de 14 encontrou nos grupos locais. Termina com uma bibliografia do assunto.

É muito importante o capítulo relativo às correlações entre diferentes medidas e índices. O assunto tem mesmo um interesse científico geral e não apenas pelo que diz respeito à população estudada.

M. C.

Travaux de l'Institut Anatomique de l'École Supérieure de Médecine de l'Indochine (Section Anthropologique) — Tomos IV e V, Hanoi, 1938 e 1939.

Sob a direcção do Dr. P. Huard, agregado das Faculdades de Medicina, prossegue ininterruptamente esta excelente publicação científica.

O tomo IV é constituído exclusivamente por um importante estudo de P. Huard e A. Bigot sobre as características antropo-

-biológicas dos Indochineses. No capítulo relativo à dactiloscopia não é esquecida a prioridade que, entre os Europeus, pertence a João de Barros na menção desse processo de identificação, sendo citado o trabalho em que o prof. Luís de Pina assinalou essa prioridade portuguesa. A monografia de Huard e Bigot é minuciosa e cheia de interesse.

O tomo V contém artigos de Huard, Nguyễn-Xuan-Nguyễn, Do-Xuan-Hop, Saurin, Dao-Huy-Hach e A. Bigot sobre anatomia de crânios indochineses, cérebros, musculatura e bacia de Anamitas, crânios pré-históricos, jovens tonquinesas, o pêzinho da China, esquelia, mestiços eurasiáticos, etc.

É brilhante o labor desenvolvido por este centro francês de estudos coloniais.

M. C.

MARIA JÚLIA POURCHET — *Índice cefálico no Brasil (Revisão bibliográfica)*. Rio de Janeiro, 1941.

Síntese das contribuições para o estudo do índice cefálico no Brasil. Evidentemente, como a A. diz, a intensidade das pesquisas sobre tal assunto é ainda muito reduzida perante a vastidão do país, mas D. Maria Júlia Pourchet considera possível enunciar desde já algumas conclusões. Os crânios antigos de Lagoa Santa e dos *sambaquis* seriam dolicocefalos. Esta primeira conclusão é, em parte, contrariada pelos resultados dos meus estudos sobre crânios dos *sambaquis* de Santo Amaro, que a A., aliás, cita. Os índios actuais estão repartidos por toda a vasta escala que vai da dólico à hiperbraquicefalia. Os negros e brancos do Brasil tenderiam para a braquicefalia, enquanto que os mulatos seriam mesaticéfalos.

A braquicefalização dos negros e brancos brasileiros, originariamente com predomínio dolicoide (negros africanos do tipo clássico e portugueses em geral), suscitaria a aplicação da célebre e discutida teoria de Franz Boas ao território brasileiro, apesar da dolicocefalia de alguns tipos indígenas. A mesaticefalia dos mulatos mostraria a seu turno que o mestiçamento se não traduz numa simples média dos caracteres dos progenitores.

Mas existirá na realidade essa pretensa braquicefalização destes? Novas e amplas pesquisas se esperam a tal respeito.

M. C.

PROF. DR. A. A. MENDES CORRÊA — *Da Raça e do Espírito* — Ed. «Faculdade de Ciências do Pôrto» — 1 vol. 305 págs., 2 est. e gráficos. Pôrto, 1940.

Neste volume denso, que emparelha muito bem com o *Da Biologia à História*, publicado em 1934, o Prof. Mendes Corrêa reúne diversos trabalhos notáveis da sua operosa e variada autoria, os quais mereceram já dos apreciadores e da crítica as referências elogiosas e o aprêço que lhes é devido, pela forma, na realidade brilhante, e pela vivacidade com que o autor, cientista insigne, de grande maleabilidade de talento e de erudição vasta, ataca os assuntos de mais dificultosa exposição e espinhoso critério,

Logo o primeiro artigo, — *Animalidade e Pensamento criador* —, substancial e elegante conferência realizada no Instituto Luso-Brasileiro de Alta-Cultura, do Rio de Janeiro, desperta o vivo interesse do leitor e estabelece a discussão animada do intrincado problema da verdadeira posição do Homem e dos Hominídeos, à testa da série evolucionada dos Vertebrados e a conseqüente mentalidade, que o Homem orgulhosamente manifesta, a todo o propósito. Entre nós, o grande Mestre que foi Sousa Martins, como Charcot, na Escola dos neurologistas franceses, afirmava ser o Homem o mesmo animal em tôda a parte e como animal se comporta, apenas com a excepção predominante da *prega* circunvolucional, a que se atribuíra a sede da linguagem verbal. O Prof. M. Corrêa dá a êste tema, extremamente difícil de tratar, a evidente superioridade da sua erudição zoo-antropológica, extensa e especializada; oferece-nos noções fundamentais, que permitem fazer idéia nítida, conquanto discutível, das relações entre os Primatas e daí entre o Homem e êstes, particularizando com verdadeira lógica a situação dos *Hominídeos* e portanto do género humano, seguindo a sensata intenção lineana e verificando-a sobre critérios bem fundados e selectos, baseados na Anatomia, na Fisiologia e na Psicologia.

O estudo das variantes sexuais entre o homem e a mulher é realizado pelo autor com segurança de método, inteiramente fundado no exame antropológico, para concluir sem facciosismo que o dimorfismo, neste caso, não favorece a superioridade relativa de um ou de outro sexo, antes permite concluir pela igualdade jerárquica. Não deixa de ser também elucidativa a comparação entre o Homem e os Antropóides, no ponto de vista somático e psicológico.

Mas outros artigos não menos nos interessam, na seqüência da obra analisada; por exemplo: *Herman ten Kate* (um amigo de Wenceslau de Moraes), esbôço biográfico feito com arte e elegân-

cia, ao mesmo tempo, com sentimento affectuoso, sôbre a epistolografia do infatigável viajante e etnógrafo holandês, trabalho de íntima compreensão psíquica da personalidade, um pouco excêntrica, dêste cientista lusófilo, restante da escola de Topinard e, por necessidade própria, affecto de nomadismo.

Neste volume se insere — *A nova e a velha Antropologia criminal* —, tese publicada no ano de 1937, nos Arquivos de Medicina Legal, do Rio, e de que o Prof. Tancredi Gatti dera a versão italiana, na revista «La Giustizia Penale», em 1936, em Roma.

Pode-se, sem perigo de ousadia, declarar renovadora esta revelação duma das mais applicativas extensões da Antropologia, como Ciência social, pois êste trabalho, que tanto despertou as atenções de criminalistas competentes, nacionais e estrangeiros, contém na essência a evolução lógica das idéias sôbre o crime e o seu agente, perpassando por numerosos autores e publicistas de diversos países, que primam pela cultura, em especial, da Criminologia.

Esta é já hoje erecta em disciplina distintamente tratada em Portugal, sobretudo nas duas Américas, em França, na Itália e em Espanha, onde o Prof. Quintiliano Saldanha, há pouco desaparecido, consagrou também a êste trabalho do Prof. M. Corrêa notável escrito, no qual corrobora as afirmações dêste. Quão distante já nos conduz a «Nova Antropologia» da era lombrosiana. Êste trabalho suscitou as referências defensivas de Carrara, ferido no seu *lombrosismo de família*.

Trata-se aqui de nova orientação no estudo e na devassa do fenómeno criminológico, em particular no ponto de vista psico-moral, não como na frenologia precursora, mas conforme os critérios estabelecidos pela Antropologia hodierna, subsidiada pela Biologia, pela Psicologia, e pela Psiquiatria, de modo a fornecer a expressão, a fórmula tangível, aceitável do tipo e do acto criminoso, segundo os rigorosos métodos de observação directa e instrumental, até se pode afirmar, — matemática — .

Outros temas excelentemente tratados no livro *Raça e Espírito* nos levariam a uma concentração de análise, se para tal nos sobejasse o espaço e o tempo, tão importantes êstes temas se nos apresentam, dentro da oportunidade flagrante da sua publicação. Assim o *Estudo do Povo português; Três quartos de século de labor arqueológico* (comemoração do 75.º aniversário da «Associação dos Arqueólogos Portugueses»); *Os Japoneses no Brasil; A psicologia do minhoto; Um nome antigo do Lima* e o memorável opúsculo sôbre os *Africanos em Portugal*, ensaio histórico, etnográfico e antropológico, que trata a fundo a questão esclavagista, bem como a evocativa conferência: — *Os descobrimentos portugueses*

e a *Etnologia* —, proferida no Gabinete Português de Leitura, do Rio de Janeiro e na qual se estabelece e documenta a prioridade da investigação nacional, em épocas áureas do nosso intelectismo e da sua projecção no Mundo. *Raça e valores morais* é outra notável prelecção realizada no mesmo *Círculo* intelectual e educativo brasileiro, com o aplauso de que nos chegou o eco e que termina e, por assim dizer, culmina a obra recente do Prof. M. Corrêa.

É a *chave de ouro*, para nos servirmos dum lugar-comum bem aplicado ao *terminus* dêste volume, rico de observações, de pensares e de dizeres; de impressões nítidas a respeito de pessoas e de factos científicos e históricos, alguns interessantes às relações luso-brasileiras e sobretudo à evolução étnica e histórica da Nação Irmã, aos acontecimentos e individualidades notáveis do Brasil antigo e moderno, no seu progresso incessante na sua vida social, política, artística e mental.

Nesta obra do ilustre professor e publicista se integram algumas das suas mais apreciáveis publicações, dos últimos tempos, agora oportunamente englobadas num opulento feixe, em cuja agregação se fortalecem e adquirem novo brilho, formando um conjunto valioso para a nossa literatura erudita.

B. F.

DR. MICHAEL MALÁN — *Zur Orientierungsfähigkeit im Raum* — Extr. de «*Zeitschrift für Morfologie und Anthropologie*».

Servindo-se de experiências fisiológicas segundo o método de Soiebig e outras originaes em 40 gémeos monovitelinos e 40 bivitelinos o A. estuda a hereditariedade da capacidade de orientação no espaço.

Depois de expor pormenorizadamente os resultados das experiências feitas o A. conclui por afirmar que a capacidade de orientação no espaço é hereditária e portanto que o grande desenvolvimento desta capacidade, como se encontra em muitos povos primitivos, por exemplo nos Samoiedas, Índios e Negros, não pode ser só explicado pela influência do meio devido à prática e à adaptação, mas também pela hereditariedade mantida e ainda reforçada, talvez, pela selecção.

É êste mais um trabalho muito interessante de hereditariedade das faculdades psíquicas com que Kaiser-Wilhelm «*Institut für Anthropologie*» da sábia direcção do Prof. E. Fischer vem enriquecendo os nossos conhecimentos sobre êste domínio da Biologia, até agora tão abandonado pelos investigadores.

A. A.

Ampúrias — I — Barcelona, 1939.

Sob a direcção do professor Martin Almagro, ilustre director do Museu Arqueológico de Barcelona, começou o Serviço de Investigações Arqueológicas da Deputação Provincial de Barcelona a publicar esta nova revista da especialidade.

O primeiro volume dado à estampa é uma inauguração auspiciosa. Contém variados e importantes artigos do P.^o Heras S. J., Schulten, Fletcher, Maluquer, Pericot, Almagro, Vilaseca, Albert del Castillo, J. de C. Serra e A. Palomegue, sobre escritas antigas, a Atlântida, o paleolítico, grutas sepulcrais, cerâmica excisa peninsular da primeira idade do ferro, excavações de Baetulo, teatro-romano de Acinipo, etc.

Felicitemos os promotores de tão prestimosa iniciativa, em que à dedicação da Deputação Provincial de Barcelona se associa a actividade do Serviço de Investigações Arqueológicas do Museu referido, da Sociedade Catalã de Antropologia e dos Seminários da especialidade da Universidade barcelonesa.

M. C.

G. H. LUQUET — *Sur les mutilations digitales* — «*Journal de Psychologie normale et pathologique*». Paris, 1938.

Estudo, com larga informação bibliográfica, sobre a distribuição das mutilações digitais no espaço e no tempo e sobre as causas mágico-religiosas e — menos vezes — profanas dessa prática. No primeiro grupo de causas figuram o luto, o tratamento de doenças, a profilaxia para crianças, os ritos de passagem, propiciação. No segundo grupo menciona o A.: meio de reconhecimento, escravidão, punição, etc. Há casos de origem obscura.

O A. ocupa-se ainda da técnica e dos dedos preferidos, e conclui por se manifestar de acôrdo com a doutrina da origem poligenista de tal prática.

M. C.

P.^o CARLOS ESTERMAN & ELMANO DA CUNHA E COSTA — *Negros* — 1 vol. de 207 págs. e várias estampas «*hors texte*». Lisboa, 1941.

Êste livro contém várias informações úteis sobre etnologia angolense. A posição etnológica de algumas populações de Angola, cujo território os AA. percorreram em várias direcções, é

indicada em sínteses que suscitam interesse. Têm também valor documental algumas descrições de cerimónias nupciais, funerárias e de iniciação, de cenas de feitiçaria e de magia, etc. As ilustrações são magníficas, como muitos dos exemplares do numeroso pecúlio fotográfico que o sr. Dr. Cunha e Costa reuniu em Angola.

Embora essas ilustrações se refiram a assuntos de carácter científico, nota-se que não há relação directa entre elas e o que se expõe no texto. Dum modo geral, a matéria do livro não está devidamente arrumada, abundam as divagações e repetem-se as tiradas declamatórias ou os casos episódicos que não têm interesse directo para a exposição.

Estas críticas e as seguintes referem-se especialmente aos capítulos que não são firmados pelo rev. Estermann.

Alguns desses capítulos não passam de modestos artigos de jornal. É pena que o sr. Dr. Cunha e Costa não dê a nota bibliográfica de que fala a pág. 52. A falta dum plano de conjunto no livro é evidente.

Deve, porém, dizer-se, a bem da justiça, que o considerável documentário fotográfico recolhido pelo sr. Dr. Cunha e Costa em Angola não é, de modo algum, destituído de valor científico. Tê-lo-ia, entretanto, incomparavelmente maior se servisse de ilustração a estudos sistemáticos e pormenorizados, levados a efeito sob um plano e um critério verdadeiramente científicos.

M. C.

C. MANUEL FONSECA DA GAMA — *Terras do Alto Paiva* — 1 vol. de 385 págs., ilustrado. Lamego, 1940.

Esta memória histórico-geográfica e etnográfica do concelho de Vila-Nova-do-Paiva é mais uma da benemérita série de monografias locais que vão, lentamente, sendo publicadas por diversos investigadores em vários pontos do país. Bem escrita, despretenciosa apesar do seu inegável merecimento, rica em informações de diferentes ordens, ela atesta o saber, o escrúpulo e os talentos do seu autor, e honra a terra a que se refere e para a qual ela possui incomparavelmente mais valor ou interesse do que uma infalível e inútil avenida, traçada por edilidades ambiciosas, ou do que um monumento erguido numa praça da vila a um influente político, de quem dentro de poucos decénios ninguém mais saberá o nome.

Apenas um esclarecimento ao autor: O dr. Georg Leissner,

a cuja visita alude, publicou na revista alemã *Ipek* os resultados do seu estudo sobre o dólmen e as pinturas megalíticas de Côtá. Destas também se ocupou largamente, utilizando as nossas estampas, o rev. H. Breuil na sua bela obra *Les peintures schématiques de la Péninsule Ibérique*, de que já falámos nesta revista.

M. C.

PLÍNIO AYROSA — *Dos índices de relação determinativa de posse no tupí-guaraní* — «Boletins da Faculd. de Filosofia, Ciências e Letras — IX — Etnografia Brasileira e Língua tupí-guaraní, n.º 1». São Paulo, 1939.

Consagrado «à memória suavíssima de Anchieta», este volume versa um dos problemas mais difíceis da gramática ameríndia. Sucessivamente o A. estuda os relativos e recíprocos, o demonstrativo genérico *t*, as excepções, os verbos e a sintaxe de regência, concluindo por enunciar os resultados gerais do seu estudo. Para Plínio Ayrosa, as gramáticas de Anchieta, Montoya e Figueira são as fontes mais puras para o estudo do tupí-guaraní antigo, estabelecendo com exactidão, embora confusamente e sem preocupação filológica, os princípios que regem o uso dos índices de relação.

Uma longa bibliografia encerra o valioso trabalho.

M. C.

K. G. LINDBLOM — *The Sling, especially in Africa* — Museu Etnográfico da Suécia. Stockholm, 1940.

É uma nota complementar da monografia que sobre o mesmo assunto o professor Lindblom publicara em 1927 em língua alemã. Aquela monografia é completada com novas informações, entre as quais algumas relativas à antiguidade e a outras regiões do mundo, além da África. Fotografias e um mapa da distribuição da funda neste continente dão à presente nota um grande interesse.

M. C.

ALFREDO NICEFORO — *«Io» allo specchio* — Extr. da «*Rivista de Psicologia*», ano XXXV. Bologna, 1939.

Estudo sôbre a estrutura interna do «Eu», os diferentes componentes dêste, o Eu congénito e o Eu social, o Eu fundamental e o Eu adventício, os diálogos entre os Eus, as diferentes espécies de autojustificações criadas pelo Eu e o pseudo-remorso. O trabalho, que é subtil e valioso, conclui evocando a justificação hipócrita de Tartufo, que dizia cortejar a bela, cândida e casta espôsa do seu amigo por ela ser uma maravilha da Criação divina...

M. C.

ARACY MUNIZ FREIRE — *A orientação educacional na escola secundária* — 1 vol. — Companhia Editora Nacional. S. Paulo, 1940.

A autora foi em 1934 incumbida da disciplina dum grupo de mais de 300 alunos de ambos os sexos. No mesmo ano seguiu no Teachers College da Columbia University um curso de «orientação educacional» (*guidance*). O seu belo livro é um relato dos resultados a que chegou em numerosos casos e dos preceitos a que os seus estudos e a sua experiência aconselham se subordine a disciplina escolar. Todo o educador deve ler êste valioso e lúcido depoimento duma verdadeira educadora. D. Aracy Freire obteve resultados brilhantes em casos que, noutras condições, estariam votados a infelizes destinos. Com razão a A. salienta a necessidade do estudo individual dos escolares, inquirindo de todos os elementos pessoais e mesológicos que possam elucidar o «orientador». E, por outro lado, afirma que êste deve possuir, entre outras, as seguintes qualidades: amor à mocidade e compreensão da adolescência, carácter bem formado (se não puder servir de exemplo, como poderá modelar o carácter do aluno?), um elevado grau de simpatia pessoal, qualidades de autoridade (espontaneamente aceites), etc.

Sem o pretender, a A. retratou-se a si própria. O seu relatório traduz, além de notáveis qualidades intelectuais, verdadeiro entusiasmo pela tarefa educativa, grande dedicação pela juventude, perfeita formação moral. D. Aracy Freire é uma das mais distintas e perseverantes cultoras da pedagogia moderna no Brasil. São-lhe devidas as maiores homenagens pelo seu nobre labor.

M. C.